

# A INSCRIÇÃO EXECRATÓRIA DE PELLA

PELLAS'S CURSE INSCRIPTION

Fabrcio Possebon<sup>(\*)</sup>

## RESUMO

Na década de 1980 foi encontrada uma inscrição, então denominada *Pella katádesmos*. Apresentamos nossa interpretação do texto grego, precedida pelo estudo do poder da palavra na sociedade arcaica segundo Hesíodo, e pela análise do sistema mágico.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Pella katádesmos*. Inscrição execratória. *Épos*, *logos* e *Mythos* gregos.

## ABSTRACT

*In the 80's, it was found an inscription then called Pella katadesmos. We present our interpretation of the Greek text, preceded by the study of the power of the word, in the arcaic society according to Hesiod, and by the analysis of the magic system.*

**KEYWORDS:** *Pella katadesmos*. Curse inscription. Greek *epos*, *logos* and *mythos*.

## INTRODUÇÃO

Propomos, neste ensaio, analisar a inscrição encontrada em Pella, conhecida como *Pella Katádesmos*. Trata-se de uma inscrição execratória, em que se invocam as potências divinas para a obtenção de um determinado resultado. Inicialmente, verificaremos a força da palavra na sociedade grega arcaica, segundo a *Teogonia* de Hesíodo, força essa sustentada pelas Musas. Para a compreensão do fenômeno mágico, tomaremos como base as idéias de Frazer, desenvolvidas e ampliadas por Marcel Mauss.

---

(\*) Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UFP, atuando na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas. E-mail: [possebon@usp.br](mailto:possebon@usp.br)

## 1. O PODER DA PALAVRA NA ÉPOCA ARCAICA.

Os termos *épos* **επος**, *lógos* **λογος** e *mythos* **μυθος** aparecem nos autores mais recuados do período arcaico, Homero e Hesíodo, com campos semânticos equivalentes. Eles designam, de modo geral, a palavra com seu poder na antiga tradição grega. Hesíodo dá o poder das palavras às Musas. Elas são filhas de Zeus e da deusa Memória, conforme *Teogonia*, v. 53 e seg.:

**Mousai Olumpiadej, kourai Dioj aigioxoio  
taj eh Pierih?Kronidh?teke patri nigeisa  
Mnhmsuñh, gounoisin El euqhroj medebusa,  
55 I hsmosuñhn te kakwa a)npauma/te mernhra)wn.**

Musas Olímpicas, jovens de Zeus porta-égide,  
em Piéria, gerou-as, unida ao pai Cronida,  
a Memória, protetora das colinas de Eleutéria,  
55 para esquecimento dos males e repouso dos cuidados.

Dois são os mecanismos de geração dos deuses, a partir dos quatro deuses primordiais (Caos **Xabj**, Terra **Gaia**, Tártaro **Tartara** e Amor **Eroj**, *Teogonia*, v. 116-122): ou dividem-se a si mesmos ou se casam, formando um par marido-mulher. O resultado da geração é amplo, tanto produzindo um novo deus que herda as características de seu gerador, quanto também pode daí surgir um complemento oposto. Da Noite com Êrebo (as trevas), por exemplo, nasceram o Éter e o Dia (*Teogonia*, v. 123 -125).

A Terra gerou o Céu, dividindo-se (*Teogonia*, v. 126 e seg.), e esse casal, agora por meio da união amorosa, passa a produzir a chamada primeira geração. A deusa Memória Mnemosyne **Mnhmsuñh** é filha desse par fundamental, herda portanto o caráter celeste soberano e a sólida base terrestre. Zeus pertence à segunda geração, é o deus que usurpará o poder de seu pai Cronos, também um usurpador do poder do Céu. Por meio de inúmeros combates, alianças e casamentos, Zeus estabelece-se no poder como o soberano, de forma definitiva, distribuindo a cada deus sua honra, ou seja, definindo para cada um a esfera de sua ação apropriada.

Zeus, então, ao se casar com Memória, une seu recente poder supremo com o poder da tradição, ou seja, o produto gerado por essa união, as Musas, contém a força irresistível da persuasão e sua argumentação é sustentada pela

história progressa, já vivida.

As Musas são nove jovens, conforme *Teogonia*, v. 73 e seg.:

**eu}de\ekasta**

**a}anatoij dietacen o}w}j kai\ep}efrade timaj.**

75 **taut' a}ra Mousai a}pidon, Olumpia dw}mat' e}kousai,**  
**e}m}e}a qugate}rej megal ou Dioj e}kgegauiai,**  
**Kl eiw/t' Euterph te Qaleia/te Mel pom}enh te**  
**Teryixorh t' Eratw/te Pol um}mia/t' Ou}ranih te**  
**Kal lioph q': h(de\proferestath e}stin apase}wn.**

E cada coisa

aos imortais Zeus bem dispôs e indicou as honras.

75 Isso as Musas cantavam, tendo o palácio do Olimpo,  
 as nove filhas do grande Zeus nascidas,  
 Cleio, Euterpe, Talia, Melpomene,  
 Terpsicore, Erato, Polímnia, Urânia,  
 e Calíope, que é superior a todas.

Calíope **Kal lioph**, cuja etimologia pode ser entendida como *Bela Voz*, é a principal delas e acompanha os reis em suas sábias decisões, reparando injustiças. Curioso é o verso 93 da *Teogonia*, pois sintetiza o poder da palavra como um benefício aos homens:

**toih Mousawn i}erh\do}sij a}nqrw}poisin.**

Tal é o sagrado dom das Musas aos homens.

Em síntese, a palavra, nesta sociedade fortemente tradicional, em que o uso da escrita é incipiente, tem a força de lei, celebra as uniões, as preces, os pactos, os juramentos, as promessas, as opiniões, os julgamentos, os ódios e os amores. A palavra falada é o criador e o mantenedor desse mundo arcaico.

Há exemplos também de variantes dessa palavra falada: recitada ou cantada. Assim, na *Odisséia* de Homero, 19, v. 455-458, Ulisses (Odiseu), quando jovem, tinha ido visitar seu avô materno, Autólico. Lá, junto ao monte Parnasso, vai à caça e é atacado por um javali. Ao mesmo tempo em que Ulisses o mata, é ferido na perna pela presa do animal. São descritos dois procedimen-

tos para socorrer o herói: primeiro atam o ferimento e, segundo, entoam um canto mágico, **epaoidh/**

455 **to'n me'n a)r' Au'tol ukou paidej fi/oi a)mfepemonto,  
w)te il h\nd' )Odu sh-oj a)mu/monoj a)ntiqe/oio  
dh-san epistame/nwj, e)paoidh?d' ai(ma kelaino\n  
e)xeqon, ai)ya d' i(konto fi/ou proj dw/mata patroj.**

455 Os filhos queridos de Autólico o auxiliaram;  
a ferida do irrepreensível Odisseu, semelhante a um deus,  
ataram habilmente, e com um encanto o sangue negro  
estancaram. Logo chegaram à casa do querido pai.

Nessa passagem, a palavra tem função terapêutica mágica, é capaz de curar o sangramento. Algumas vezes, por outro lado, a palavra sozinha parece não ser suficiente, sendo seguida então de algo que diríamos mais material e concreto. Por exemplo, na *Ilíada* de Homero, I, v. 53 e seg., Aquiles, inspirado pela deusa Hera, convoca uma assembléia e sugere que seja consultado um adivinho ou um sacerdote ou um intérprete de sonhos, para saber como aplacar a ira de Apolo. Aquiles supõe que o deus sente falta de prece, *eukholé eukwl h,* ou de sacrifício, *hekatómbe ekatombh*. Calcas é logo chamado, pois foi ele quem então conduziu os gregos até Tróia com sua arte mágica, *mantosyme mantosuh*, sendo um conhecido intérprete do vôo dos pássaros. Instigado por Aquiles, Calcas revela o vaticínio, *theopropion qeopropion*, que conhece, todavia quer que Aquiles o defenda com *palavras e mãos*:

**o(sfin e)\fronewn agorhsato kai\meteeipen:  
w) Axil eu=kel eai/me Di\fil e muhsasqai  
75 nhain Apol lwnoj ekathbel etao ahaktoj:  
toi\gar egwn e)rew: su\de\sunqeo kai/moi o)hsson  
h)me'n moi profrwn e)pesin kai\xersin a)r)hcein:  
h)gar o)l)mai a)dra xol wse)nen, oj mega pa)ntwn  
Argei)wn krateei kai/oi(peiqontai )Axaioi!**

Bem pensando Calcas discursou e lhes disse:

75 “Ó Aquiles, filho de Zeus, exortas-me a narrar  
a ira de Apolo longiflecheiro rei,  
então eu direi e tu observa e jura  
ajudar-me cuidadosamente, com palavras e mãos,  
pois penso que vou irritar o homem, que entre todos  
os argivos é muito poderoso e os Aqueus lhe obedecem.

Em síntese, a palavra falada é o grande articulador da sociedade arcaica, descrita por Hesíodo e Homero, como um atributo divino, um dom aos homens. Quando sua força não parece ser suficiente, é então sustentada por algum outro elemento, no caso acima, as mãos *khersîn*, **xersîn**, que aqui simbolizam o uso da força bruta.

## 2. O SISTEMA DE COMUNICAÇÃO MÁGICO.

Com a ampliação do uso da escrita, a palavra, mantendo sempre sua força, divide-se nas modalidades falada e escrita. Desse modo, ao lado das imprecações, ameaças e maldições puramente verbais, desenvolveram-se os textos escritos, gravados em plaquetas feitas de diversos materiais. *Katádesmos* **katadesmj** é o termo grego que significa “ligação, ligação mágica”, apropriado então para designar tais inscrições, encontradas em diferentes épocas. Segundo o modelo acima visto, o *katádesmos* surgiu como aquele algo a mais, quando se sentiu que apenas a expressão verbal da imprecação não era suficiente para obter o resultado desejado.

Propomos compreender a ação mágica do *katádesmos* como um sistema completo, ou seja, os diversos elementos que o compõem se interagem e cada qual cumpre um papel específico no conjunto. Em outros termos, como uma estrutura, cujos participantes se opõem e se completam. A base teórica adotada é a de Frazer e Marcel Mauss, conforme a bibliografia.

No nível mais elevado identificamos três elementos: preparação, aplicação e resultado. Na *preparação*, atuam o solicitante da magia, ou seja, aquele que quer um dado resultado, e o oficiante especializado na arte mágica, com ou sem a presença de auxiliares. A *aplicação* é o ato de potencializar a tabuinha, preparada pelo especialista. Finalmente, o *resultado* é a observação do efeito mágico sobre o destinatário, se positivo ou não, talvez em busca de alguma explicação para um eventual fracasso.

## PREPARAÇÃO

O solicitante interage com o mago quanto à possibilidade de ver atingido o seu objetivo. São acordadas as condições necessárias e o preço a ser pago, tanto material quanto espiritual. Há sempre um risco no envolvimento de forças mágicas. Desse modo, o solicitante cumpre uma série de exigências, por exemplo, abster-se de determinados alimentos em dadas circunstâncias, abster-se de práticas sexuais, encontrar e trazer algo do destinatário (peça de roupa, fio de cabelo, pedaços de unha, etc.), tomar banhos purificatórios, visitar determinados locais sagrados, em hora específica, etc. São inumeráveis as possibilidades de práticas na fase da preparação. Igualmente o mago, por sua vez, executa a sua própria preparação, que inclui, além de eventualmente as mesmas propostas ao solicitante, outras que lhe são específicas. Merece especial atenção a tabuinha: com qual material será moldada, de onde retirará tal material, em que circunstâncias, quem o auxiliará, quando a preparará, onde, sob qual astro?

## APLICAÇÃO

Uma vez preparada a tabuinha, cabe ao mago fazê-la funcionar de acordo com o esperado. Espaço, tempo e modo são os elementos que ele deve saber operar. Assim, ele se dirige ritualisticamente a um dado local (caverna, cemitério, entroncamento de estrada, local escuro e assustador, floresta, lugar marcado por acontecimentos terríveis, etc.), em um dado momento (à noite, ao pôr do sol, sob determinado astro ou lua, durante uma tempestade, após um dado sinal celeste, no solstício etc.). O modo como efetua a deposição da tabuinha é particularmente importante: em que direção ele a coloca, que palavras diz (ou canta, recita, soletra), com qual entonação de voz, qual a posição de seu corpo, se sacrifica algum animal simultaneamente, se está sozinho ou com seu auxiliar, o que faz o auxiliar, o que mais ele executa em seguida: toma um banho purificatório, retorna para casa pelo mesmo caminho, evita determinado alimento ou encontrar certos indivíduos, etc.

## RESULTADO

A tabuinha é o meio, o catalisador da ação mágica. Feitas corretamente

a preparação e a aplicação, a tabuinha entrará em funcionamento, ou seja, ela está potencializada com um *daímon* **daímwv**, uma energia demoníaca, que se dirigirá ao destinatário. Assim se espera. A ação desse *daímon* pode ser imediata, mas também pode depender de algumas circunstâncias. Algumas vezes o destinatário é também ativo, ou seja, a ação mágica agirá após o destinatário ter feito algo, ou ter estado em certo lugar, ou após uma determinada data. Evidentemente, o destinatário evitaria as condições que lhe são desfavoráveis, se soubesse da magia. O solicitante e o mago observam o resultado e o interpretam. Alguma explicação é dada, em caso de fracasso: ou o destinatário está protegido por outra magia ou algo não foi cumprido corretamente durante a preparação e a aplicação.

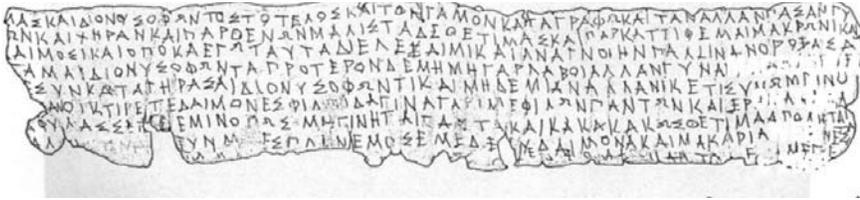
A imensa gama de possibilidades na *preparação e aplicação* não é conhecida, em cada caso das inscrições achadas, pois o sítio arqueológico não conserva tantos detalhes quantos os envolvidos em todo o sistema mágico. Uma parte do processo todavia está bem documentada por meio de relatos dos autores e, principalmente, pela comparação com sociedades modernas, em que a prática das inscrições mágicas é sempre mantida.

### 3. A INSCRIÇÃO DE PELLA.

A tabuinha abaixo analisada é conhecida como *Pella Katádesmos*. Foi encontrada em 1986, na cidade de Pella (Macedônia, ao norte da Grécia). Foi datada como aproximadamente 380-350 a.C. A inscrição de Pella está catalogada no SEG<sup>1</sup>, sob o número 43:434, publicada inicialmente no *Hellenike Dialektologia* 3 (1992/1993) p. 43-48 e na *Revue des études grecques* (1995) p. 190-197. Disponível no endereço eletrônico <http://epigraphy.packhum.org>, da Cornell University e da Ohio State University. Damos, na seqüência, a reprodução do texto, duas transcrições, nossa tradução e análise do texto.

<sup>1</sup> *Supplementum Epigraphicum Graecum*. Vols. 1-11, ed. Jacob E. Hondius, Leiden 1923-1954. Vols. 12-25, ed. Arthur G. Woodhead. Leiden 1955-1971. Vols. 26-41, eds. Henry W. Pleket and Ronald S. Stroud. Amsterdam 1979-1994. Vols. 42-44, eds. Henry W. Pleket, Ronald S. Stroud and Johan H.M. Strubbe. Amsterdam 1995-1997. Vols. 45-49, eds. Henry W. Pleket, Ronald S. Stroud, Angelos Chaniotis e Johan H.M. Strubbe. Amsterdam 1998-2002. Vols. 50-52, eds. Angelos Chaniotis, T. Corsten, Ronald S. Stroud, R.A. Tybout e Johan H.M. Strubbe. Leiden: Brill, 2006. Vol 53, eds A. Chaniotis, T. Corsten, R.S. Stroud e R.A. Tybout: Tomos I e II. Essas informações são do endereço eletrônico.

Reprodução da tabuleta original:



Transcrição do texto grego (entre colchetes está a reconstituição da parte perdida, apresentada na *Hellenike Dialektologia* e por nós adotada):

1. [ΘΕΤΙ]ΜΑΣ ΚΑΙ ΔΙΟΝΥΣΟΦΩΝΤΟΣ ΤΟ ΤΕΛΟΣ ΚΑΙ ΤΟΝ ΓΑΜΟΝ ΚΑΤΑΓΡΑΦΩ ΚΑΙ ΤΑΝ ΑΛΛΑΝ ΠΑΣΑΝ ΓΥ
2. [ΝΑΙΚ]ΩΝ ΚΑΙ ΧΗΡΑΝ ΚΑΙ ΠΑΡΘΕΝΩΝ ΜΑΛΙΣΤΑ ΔΕ ΘΕΤΙΜΑΣ ΚΑΙ ΠΑΡΚΑΤΤΙΘΕΜΑΙ ΜΑΚΡΩΝΙ ΚΑΙ
3. [ΤΟΙΣ] ΔΑΙΜΟΣΙ ΚΑΙ ΟΠΟΚΑ ΕΓΩ ΤΑΥΤΑ ΔΙΕΛΕΞΑΙΜΙ ΚΑΙ ΑΝΑΓΝΟΙΗΝ ΠΑΛΛΙΝ ΑΝΟΡΘΕΑΣΑ
4. [ΤΟΚΑ] ΓΑΜΑΙ ΔΙΟΝΥΣΟΦΩΝΤΑ ΠΡΟΤΕΡΟΝ ΔΕ ΜΗ ΜΗ ΓΑΡ ΛΑΒΟΙ ΑΛΛΑΝ ΓΥΝΑΙΚΑ ΑΛΛ Η ΕΜΕ
5. [ΕΜΕ Δ]Ε ΣΥΝΚΑΤΑΓΗΡΑΣΑΙ ΔΙΟΝΥΣΟΦΩΝΤΙ ΚΑΙ ΜΗΔΕΜΙΑΝ ΑΛΛΑΝ ΙΚΕΤΙΣ ΥΜΩΝ ΓΙΝΟ
6. [ΜΑΙ ΦΙΛ]ΑΝ ΟΙΚΤΙΡΕΤΕ ΔΑΙΜΟΝΕΣ ΦΙΛ[Ο]Ι ΔΑΓΙΝΑΓΑΡΙΜΕ ΦΙΛΩΝ ΠΑΝΤΩΝ ΚΑΙ ΕΡΗΜΑ ΑΛΛΑ
7. [...]Α ΦΥΛΑΣΣΕΤΕ ΕΜΙΝ Ο[Π]ΩΣ ΜΗ ΓΙΝΕΤΑΙ ΤΑ[Υ]ΤΑ ΚΑΙ ΚΑΚΑ ΚΑΚΩΣ ΘΕΤΙΜΑ ΑΠΟΛΗΤΑΙ
8. [...]ΑΛ[-].ΥΝΜ .. ΕΣΠΛΗΝ ΕΜΟΣ ΕΜΕ ΔΕ [Ε]Υ[Δ]ΑΙΜΟΝΑ ΚΑΙ ΜΑΚΑΡΙΑΝ ΓΕΝΕΣΤΑΙ
9. [-]ΤΟ[.].[-].[.].Ε.Ε.Ω[?]Α.[.]Ε..ΜΕΓΕ [-]

Reescritura do texto grego, com o sistema de acentuação como modernamente é empregado, e nossa proposta de reconstituição de algumas partes obscuras:

**1[qeti]/maj kai\Dionusofwntoj to\tel oj kai\ton gamon katagrafw kai\tah a] l an p asan gu2[naik]wn kai\ xh ran kai\ parqenwn mal ista de\Qeti maj kai\ parkattiqemai Makrwni kai\ 3[toi j] Daimosi kai\ ofoka ehw\tauauta diel ecaimi kai\ ahagnoihn pal in ahorocasa 4[toka] gamai Dionusofwnta proteron**

de\mh\mh\gar l aboi a] l an gunaika a] l h 5[e]me\d]e\suh  
 kataghrasai Dionusofwnti kai\mhdenían a] l an i]ketij u]twn gino6]mai  
 Fil ]an oiktirete Dainonej fil oi dag i]na gari/me fil wn pah]twn kai\e]rh]ma a] l a 7]..  
 .Ja ful assete e]n]n opwj mh]ginetai tau]ta kai\kaka\kakwj  
 Qetima apol]htai 8[...]al.. umm. espl]hn e]m]j e]me/de[e]u]d]i]ai]mona kai\  
 makarian gehestai

Tradução:

- I. De Thétima e de Dionisofonto, eu registro o casamento e a oferenda.
- II. E todas as outras mulheres, alguma viúva, as jovens, e sobretudo Thétima, eu as confio a Mácron e aos Demônios.
- III. Que eu então tenha escolhido estas [palavras] e que eu as releia novamente, ao me propor desposar Dionisofonto.
- IV. Que ele, pois, não tome outra mulher, não outra além [de mim].
- V. Eu, Phila, e nenhuma outra, torno-me suplicante de vós, para envelhecer com Dionisofonto.
- VI. Tende compaixão, Demônios queridos, pela terra!, porque eu sou de todos os [meus] queridos também outra solitária.
- VII. Protegei para que não me ocorram estas coisas e a malvada Thétima pereça horrivelmente ... e para eu, feliz e afortunada, tornar-me ...

Comentários, segundo a numeração romana de nossa tradução:

Na primeira linha da inscrição (I), há o verbo *katagráphō*, que significa escrever em tabuinhas, como esta mesma que está sendo analisada. O sujeito, em primeira pessoa, dado pela desinência verbal, garante a igualdade entre o sentido do verbo e a própria ação. Assim se traduz: *eu escrevo*<sup>2</sup>. Dois são os objetos do verbo: *gámon*, o casamento de Thétima e Dionisofonto, e o seu *télos*. Há muitos significados para *télos*: fim, conclusão, cumprimento. Entendemos tratar-se aqui de uma oferta ou serviço aos deuses, ou seja, um rito ou um mistério. Desse modo, o objeto com a inscrição seria tanto o registro do casamento quanto a própria oferenda. O objeto não é, portanto, profano mas

<sup>2</sup> “Mas agora quando digo ‘eu prometo’, dou um outro passo decisivo: não apenas anunciei minha intenção mas, usando esta fórmula (cumprindo este ritual), eu me comprometi com os outros e arrisquei minha reputação de uma nova maneira”. (Austin, p. 36).

sim sagrado, é ele que fará a ligação entre os dois mundos: o verdadeiro, o dos deuses, e o falso, o nosso, o da ilusão. O termo grego que designa a ligação mágica é *katádesmos*<sup>3</sup>.

Dado sumariamente o propósito do feitiço, agora a autora apresenta a quem o pedido de intervenção é feito (II). Inicialmente, por meio de um verbo ainda na primeira pessoa, *parkattíthemai*, *eu confio* a Mácron, nome não registrado na tradição como entidade subterrânea. A etimologia propõe “de longa cabeça” ou “cabeçudo”. Evidentemente, há um temor em se pronunciar/redigir o nome de uma entidade maléfica, de tal modo a se buscar um substituto ou equivalente<sup>4</sup>. Em seguida, são também citados os *daímones*. É ampla a gama de significados para o termo: aqueles que atribuem um destino, divindades, demônios, espíritos dos mortos. Há que se pensar, neste passo, em entidades malfazejas. O malefício não se limita a Thétima, a esposa do amado Dionisofonto, mas a todas as mulheres.

Dois verbos, na seqüência (III), em primeira pessoa, no modo optativo, *dieléksami* e *anagnoiên*, revelam novamente a disposição da autora na força mágica do feitiço. O emprego desse modo parece indicar aqui um desejo realizável. Deve-se encontrar um complemento para o pronome *estas*, *taúta*, algo como, *estas palavras*. Um novo elemento é acrescentado às intenções: desposar Dionisofonto. Outro verbo no optativo, agora negativo, *mé láboi*, em terceira pessoa, cujo sujeito deve ser Dionisofonto, indica novo desejo: que ele não encontre outra mulher.

Retoma-se agora com outro objetivo do feitiço (IV): envelhecer com Dionisofonto, justificando o porquê de se tornar suplicante, *hikétis*. O verbo em primeira pessoa (V), *gínomai*, *torno-me*, faz a perfeita igualdade entre a ação proposta e o agente. Ao mesmo tempo em que a autora diz *torno-me*, ela já é suplicante. Se entendermos o termo grego *phílan* como nome próprio, Phila, então essa é a identidade da autora. Podemos, todavia, ver aí o adjetivo *amada*, *querida*.

<sup>3</sup>“**εἴη τε τῖνα εἴη τε/τῖνα ἐκτρον πηῆσαι ἐπελὴ? meta\snikrwn dapanwn oútwj di/kaion alikw?bl ayei epagwgaij tisin kai\katadesmoij, touj qeouj, wj fasin, pei/qontej sfisin uphretein**”, ou seja, “c, por outro lado, se se quiser fazer mal a um inimigo, mediante pequena despesa, prejudicarão com igual facilidade justo e injusto, persuadindo os deuses a serem seus servidores – dizem eles – graças a tais ou quais inovações e feitiçarias”. *República*, 364, c, tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Platão, p. 64). Os grifos são nossos .

<sup>4</sup> Entre os eufemismos mais conhecidos estão Eumênides (as benevolentes), por exemplo, em lugar das malfazejas Erínias.

Nova súplica (VI), por meio de um imperativo, *oiktírete*, aos demônios, que são por eufemismo denominados *phíloi*, *queridos*. No esforço de comovê-los é apresentada a situação de abandono em que se encontra Phila. Há, na passagem, um termo de difícil tradução: **DAGINA**. Propomos entendê-lo como *dág hína*. O que mais se aproxima de *dág* é a expressão *dán*, em dialeto dórico: *por Zeus, pela terra!* ou simplesmente *ah!* (Bailly, verbete **da**). É essa a nossa solução provisória.

O imperativo *phylássete*, *protegei a mim*, ainda dirigido aos demônios (VII), é seguido de certo temor: para que não ocorram *taúta*, *estas coisas*. Deve-se entender aqui coisas negativas que se voltariam contra Phila.

Conclui-se o fragmento (VIII) com duras palavras dirigidas diretamente à rival e a expressão do desejo de felicidade, que seria oriundo da morte de Thétima.

## CONCLUSÃO

A força da palavra foi descrita por Hesíodo (*Teogonia*, 93) como um dom das Musas, sendo elas filhas do soberano dos deuses, Zeus, e de Memória. Elas, portanto, concentram em si o poder irresistível do deus principal com a antiga tradição. Calíope, a Bela Voz, é a principal delas, detentora da persuasão. Desse modo, a sociedade foi miticamente organizada, cada deus ocupando um posto que lhe foi designado pelo grande Zeus. Uma passagem da *Iliada* mostra a palavra sendo auxiliada por uma força material, as mãos, num momento que, parece, sua força não era suficiente. Deduzimos daí duas potências distintas e complementares. A inscrição execratória, segundo nossa visão, se enquadraria sob essas forças: de um lado, há a imprecisão verbal, pura e simples, por outro, faz-se a plaqueta, completando a maldição. A eficácia da plaqueta depende de inúmeras circunstâncias, o que exige a participação de um especialista na arte da magia. A análise detalhada do texto revela os temas recorrentes da tradição: invocação de um deus infernal, auxílio pedido por causa de ciúmes e temor de efeitos contrários.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. *Outras mentes*. Tradução de Marcelo Guimarães da Silva Lima. Coleção Os Pensadores. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

FRAZER, James George. *Il ramo d'oro. Studio sulla magia e la religione*. Tradução de Nicoletta Rosati Bizzotto. Milão: Newton, 1999.

HESÍODO. *Obras y Fragmentos*. Tradução espanhola, introdução e notas de Aurelio Pérez Jiménez e Alfonso Martínez Díez. Madri: Gredos, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os Trabalhos e os Dias*. Tradução, introdução e notas de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Têogonia. A origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1962.

\_\_\_\_\_. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro: M.W. Jackson, 1952.

\_\_\_\_\_. *Odisséia*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1992.

\_\_\_\_\_. *Odisséia*. Tradução de Odorico Mendes. Edição de Antonio Medina Rodrigues. São Paulo: Edusp, 1992.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. in *Sociologia e Antropologia*. p. 47-181. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MITOS E KATADESMOI – TÓPOS DA FEITIÇARIA ATENIENSE. Comunicação apresentada no 58ª Reunião Anual da SBPC - Florianópolis, SC - Julho/2006, e publicado nos anais. Trícia Magalhães Carnevale (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.

POSSEBON, Fabrício. *Tò thaumastón: O Maravilhoso*. Introdução ao pensamento grego arcaico. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/Zarina Centro de Cultura, 2008.

VYSE, Stuart A. *Believing in Magic*. The Psychology of Superstition. New York/Oxford: Oxford University Press, 1997.

Recebido em 7.5.2008